

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat, após o Shabat, estará à sua disposição

Moshê ensina as *mitsvot*

Esta *Parashá* e as duas seguintes concentram a maioria das *mitsvot* encontradas no livro de *Devarim*. Até agora, Moshê transmitiu *mitsvot* fundamentais como amor e temor a *Hashem*, diretrizes contra a idolatria, sermões inspiradores enfatizando o compromisso do povo em relação a D'us, e a obrigação dos judeus de se conduzir à altura da santidade de *Êrets Yisrael*.

Há mais de 50 *mitsvot* nesta *Parashá*. Para conhecer a todas, é preciso estudá-las na própria *Torá*. Explicaremos aqui somente algumas delas.

Moshê inicia sua recitação colocando as *mitsvot* em sua devida perspectiva, dizendo que a escolha entre aceitar a *Torá* em sua totalidade ou não nada mais é que escolher entre bênção e maldição. Aqueles que guardam as *mitsvot* seriam abençoados por *Hashem*.

Moshê ensinou: "Apesar do ser humano possuir o livre arbítrio, D'us não se mantém indiferente ao caminho escolhido pela pessoa. *Hashem* nos implora e aconselha: 'Refleta sobre suas opções; fazer o bem e receber a bênção ou fazer o mal e incorrer numa maldição – escolha a vida!'"

Uma longa fila de carros abria caminho para o interior. Os motoristas procuravam encurtar a última parte da viagem pegando a moderna e larga via expressa construída recentemente, em vez de continuarem na velha e esburacada estrada do interior. Porém perto da entrada que conduz à nova rodovia, depararam-se com a curiosa visão de um velho fazendeiro acenando com o boné e gritando a plenos pulmões: "Atenção! Cuidado! Peguem a velha estrada! Árvores estão bloqueando o final da nova via expressa!"

Os motoristas ficaram cépticos. Deveriam ou não acreditar no conselho do velho caipira? Alguns carros aceleraram pela nova rodovia, enquanto outros continuaram pela velha estrada.

Os que ignoraram o conselho do velho fazendeiro sofreram uma longa e penosa jornada. O final da estrada realmente estava bloqueado, e foram obrigados a tomar uma estrada secundária, causando-lhes horas e horas de atraso.

Hashem nos advertiu: "Enquanto a estrada da *Torá* e *mitsvot* pode, por vezes, parecer difícil, ela certamente o conduzirá ao seu destino. (Mais que isso, parece cheia de lombadas e sinuosa apenas antes de começar a trilhá-la; uma vez na estrada, perceberá que é pitoresca e confortável.) A senda do pecado pode parecer mais macia e convidativa a princípio, mas no final, estará obstruída.

A santidade da terra / Remover todos os ídolos de *Êrets Yisrael*

Tendo adquirido um imóvel nas cercanias da *yeshivá* dos filhos, a família estava ansiosa para se mudar.

O pai chamou um empreiteiro para fazer o orçamento de algumas reformas e consertos, pois as paredes e chão de diversos cômodos estavam mal conservados.

"Pode terminar tudo em algumas semanas?" perguntou ao empreiteiro. "Esperamos nos mudar logo."

Após cuidadosa inspeção da casa, o empreiteiro replicou: "Meu caro, lógico que posso fazer um trabalho apressado. Mas sabe o que acontecerá depois? Os canos desta casa estão enferrujados e furados, certamente vazarão e causarão enchentes. A fiação está velha e defeituosa, você corre risco de incêndio causado por curto-circuito. O telhado necessita desesperadamente de reparos, pois tem goteiras. De que adiantam paredes e chão novos se toda a estrutura está podre?"

"Primeiro, você tem de se livrar de todos os canos com defeito, fios velhos e desencapados e ripas com cupins. Isto é trabalho para algumas semanas, para não falar nas muitas caçambas necessárias para retirar todo o entulho. Só então a construção pode começar.

"Colocar apenas uma fachada nova não resolverá os problemas por detrás desta."

Similarmente, Moshê explicou aos judeus: "*Êrets Kenaan* está repleta de imagens e outros objetos de adoração de ídolos. As nações da terra colocaram imagens em cada montanha ou colina. Há ídolos sob cada árvore. Construíram templos, altares e *matsevot* (pedras para adoração de ídolos). Plantaram também *asherot*, árvores que consideram sagradas.

"Sua primeira *mitsvá* ao entrar em *Êrets Kenaan* será destruir cada ídolo e cada objeto de adoração! Livrem-se deles por quaisquer métodos que forem mais efetivos: quebrem, esmaguem, queimem ou joguem ao mar.

"Não demorem! Destruam os ídolos imediatamente! Não deverá permanecer nem um traço! Se uma cidade recebeu o nome de um ídolo, mudem o nome.

“Vocês não podem construir uma terra de santidade, com o *Bet Hamicdash* em seu meio, enquanto estiverem cercados por artefatos de idolatria.”

A *mitsvá* de destruir ídolos aplica-se a todas as gerações. Os reis judeus que foram *tsadikim* limpavam o país das imagens que reis perversos lá haviam colocado anteriormente.

Em *Êrets Yisrael*, todo rei judeu é obrigado a procurar os ídolos e assegurar-se que a terra está completamente livre de todos os traços de idolatria estrangeira. Assim como antes de *Pêssach* procuramos e destruímos *chamêts*, da mesma forma devemos procurar e nos livrar de todos os ídolos em *Êrets Yisrael*.

Êrets Yisrael está onde repousa a *Shechiná* (Presença Divina). É como o palácio do rei. Um servo ousaria erguer uma estátua do inimigo do rei no palácio? Colocar um ídolo em *Êrets Yisrael* é exatamente a mesma coisa. Não poderia haver crime mais grave.

A *Torá* enfatiza repetidamente que idolatria é o mais severo dos pecados. Não pode haver maior audácia que alguém utilizar-se de seu intelecto, que é capaz de inferir a presença do Criador, para negar a Unicidade de D’us e atribuir a vasta inteligência que obviamente ativa toda a Criação a poderes outros que não Ele.

Nossos Sábios ensinam: “Aquele que serve a ídolos é como se negasse toda a *Torá*.” Assim, compreendemos porque há na *Torá* tantas advertências contra a idolatria.

Depois de mandar os judeus destruírem todos os acessórios pertinentes à idolatria, Moshê explicou: “Em contrapartida, não é permitido destruir qualquer objeto portando algum dos Nomes de D’us.”

A *Torá* nos proíbe de apagar uma letra sequer de qualquer um dos Nomes de D’us. (Em vez disso, devemos enterrar tais objetos ou escritos.)

Esta *mitsvá* instila em nós temor e reverência pelo Todo Poderoso.

Onde podem ser oferecidos os sacrifícios?

Moshê continuou: “Vocês não poderão construir altares e oferecer sacrifícios a *Hashem* em qualquer lugar em *Êrets Yisrael*, embora não adorem ídolos. Assim que se estabelecerem no país, *Hashem* escolherá um local fixo para Si. Este será o *Bet Hamicdash*, onde serão levadas as suas oferendas.”

Quando todas as oferendas eram levadas a um só local, isso nos ajudava a crer no único *Hashem*. Também forçou os judeus a visitarem o *Mishcan* (Santuário) ou o *Bet Hamicdash* (Templo), o que ajudou a aumentar seu temor a *Hashem*. Os visitantes ali presenciavam milagres que reforçaram sua *emuná* (fé).

Milagres no Bet Hamicdash

Eis aqui alguns dos milagres no *Bet Hamicdash*:

- Toda as noites, os *cohanim* queimavam as sobras de carne e gordura das oferendas no altar. Às vezes, havia muito para queimar. As sobras de carne ficavam sobre o altar por dois ou três dias sem refrigeração. Em geral, carne mantida na temperatura ambiente mesmo que por um dia, começa a se estragar. A carne no altar permanecia miraculosamente fresca.
- Todos os sacrifícios eram abatidos no pátio do *Bet Hamicdash*, do lado de fora. Era de se esperar enxames de moscas zumbindo em volta das mesas repletas de carne, ossos e sangue. Mas a *Azará* (pátio) era tão sagrada que nem mesmo uma única mosca jamais chegava perto.
- A chuva nunca apagava o fogo sobre o altar de cobre no pátio. O vento também não desarranjava o pilar de fumaça que subia do fogo sobre o altar. Em vez disso, a fumaça subia direto para o céu.
- A *Azará* ficava sempre completamente cheia, quando os judeus se reuniam para rezar. Não havia um centímetro de espaço livre. Ao invés de curvar-se, como fazemos atualmente para rezar, os judeus na época do *Bet Hamicdash* caíam ao solo, esticando os braços e pernas. Como poderia a pessoa ter espaço suficiente? Um milagre acontecia: a *Azará* se expandia. Todos tinham espaço suficiente para permanecer no solo!
- Havia também o milagre que acontecia com os *lêchem hapanim*. Estes pães eram colocados sobre o *shulchan* (mesa) a cada *Shabat*. Estavam sempre frescos e quentinhos até o próximo *Shabat*, quando eram substituídos! Os *cohanim* costumavam elevá-los e mostrá-los aos judeus que iam ao *Bet Hamicdash*. “Veja o quanto *Hashem* ama vocês,” diziam eles. “Ele realiza milagres para vocês!”

Os judeus não podem ingerir sangue

Os judeus já tinham ouvido de Moshê que não deveriam ingerir sangue. Naquela época o consumo de sangue era muito comum e difundido entre os povos. Portanto Moshê precisava advertir: “Sejam muito estritos com esta *mitsvá*!”

“Evitem ingerir sangue, não porque vocês podem achar isso repugnante, mas porque vocês desejam agir conforme ‘o que é certo aos olhos de *Hashem*’.”

Este princípio se aplica a todas as *mitsvot*: É importante procurar conhecer o porquê das *mitsvot*, mas é preciso lembrar que o significado é apenas um acessório, e nunca pode se tornar o motivo principal para seguir a *Torá*. A intenção essencial é obedecer a *Hashem*.

Abater animais e aves segundo as leis da *Torá*

Hashem ordenou: "Existe apenas uma maneira *casher* de abater um animal para alimento, cortando a faringe e o esôfago."

Hashem ensinou a Moshê o ponto exato a ser cortado. *Hashem* acrescentou também outras leis.

O *shochet* é aquele que abate animais de acordo com a lei da *Torá*. Ele precisa conhecer bem as leis. Deve conferir sua faca antes de fazer o trabalho, para que o corte seja suave. O que acontece se um *shochet* esqueceu de examinar sua faca? Se a faca tiver qualquer falha, como uma saliência ou depressão, o animal que ele abateu não é *casher*.

Um animal morto que não foi abatido de acordo com a *Halachá* (Lei Judaica) é chamado de *nevelá*. Não pode ser consumido.

Ser *shochet* é um trabalho de muita responsabilidade. A melhor maneira de assegurar que a carne ou ave é realmente *casher* é conhecer o *shochet* pessoalmente. Se isto não for possível, por exemplo, quando uma companhia emprega vários *shochatim*, deve-se descobrir se são todos honestos, tementes a D'us e conhecedores das leis.

Antes do abate, o *shochet* recita a bênção: "Bendito és Tu, *Hashem*, que nos santificou com Tuas *mitsvot* e nos ordenaste a *shechitá*."

Por que os animais devem ser abatidos desta maneira especial?

Hashem não nos revelou a razão. Esta lei é conhecida como um *choc* (*mitsvá* cujo significado não nos foi revelado).

Apesar disso, temos algumas explicações: *Shechitá* faz com que uma grande quantidade de sangue saia do animal. Esta *mitsvá* nos ajuda a evitar a ingestão de sangue.

O método indicado pela *Torá* para abater o animal é misericordioso e indolor. *Hashem* não quer que o animal sinta dor.

O cumprimento desta *mitsvá* nos é benéfico, elevando-nos espiritualmente e nos aproximando de *Hashem*,

***Navi Shéker* / O falso profeta**

Devemos obedecer somente a um profeta de *Hashem*. Moshê nos advertiu: "Não dêem ouvidos ao falso profeta!"

Como podemos saber quem é um falso profeta?

1. Aquele que alega que um ídolo fala com ele é um falso profeta. Devemos cortar toda relação com alguém assim. Um *Bet Din* (tribunal) deve sentenciá-lo à morte.

2. Um profeta que proclama que *Hashem* nos ordenou deixar de cumprir qualquer *mitsvá* para sempre, é falso. Ele poderia nos dizer: "Farei um milagre para provar que *Hashem* realmente falou comigo."

Moshê alertou os judeus: "Não acreditem nele, mesmo se ele prever acontecimentos futuros! Não confiem nele mesmo se realizar maravilhas nos céus ou na terra. Não se impressionem mesmo se ele parar o sol! Não se influenciem por milagres de um falso profeta! Ele é um impostor!"

Como Maimônides codificou, um dos Treze Princípios da fé judaica é o conceito que a *Torá* nunca poderá ser mudada, não importa quantos milagres sejam realizados por um profeta. A nossa fé não é baseada em milagres.

"Se vocês se perguntarem: "Por que *Hashem* lhe permite realizar milagres? Esse é um teste de *Hashem*. *Hashem* está pondo à prova sua lealdade a Ele. Se não seguirem o profeta falso, vocês estarão demonstrando um verdadeiro amor por *Hashem*."

Chananyá *ben* Azur foi um profeta que viveu na época de Yirmiyáhu. Mais tarde, o espírito de profecia (*rúach hacôdesh*) deixou-o, e em sua angústia e desapontamento começou a inventar suas próprias profecias, declarando-as Divinas.

Antes da destruição do *Bet Hamicdash*, *Hashem* mandou o profeta Yirmiyáhu predizer que os judeus seriam derrotados, e permaneceriam sob o jugo e reinado do imperador babilônio Nevuchadnêtsar por setenta anos. Como sinal tangível de que o Todo Poderoso subordinara muitas nações ao imperador, Ele declarou que Yirmiyáhu colocasse uma trave de madeira no pescoço.

O falso profeta Chananyá *ben* Azur contradisse Yirmiyáhu publicamente. Quebrou a barra ao redor do pescoço de Yirmiyáhu e proclamou: "Assim disse *Hashem*: 'Desta forma quebrarei o jugo de Nevuchadnêtsar, dentro de dois anos. Ele devolverá todos os recipientes e objetos que tomou do *Bet Hamicdash*.'"

Yirmiyáhu disse a Chananyá: "Amên, que seja como sua profecia. Todavia, *Hashem* não lhe enviou, pois eu predisse que Nevuchadnêtsar exilará também os que restarem em *Érets Yisrael*." Desafiou Chananyá: "Se sua mensagem é realmente Divina, designe um sinal. Então veremos se irá ou não se realizar!"

Chananyá replicou: "Se assim é, você dará um sinal antes, para confirmar sua profecia!"

Yirmiyáhu explicou: "Os sinais que estabelecerei poderão não se realizar, pois eu predisse notícias desafortunadas. D'us pode não cumpri-las se o povo fizer *teshuvá*. Contudo você, que prediz boas notícias,

deve provar sua profecia com um sinal!" (*Hashem* sempre cumpre uma profecia afortunada, mesmo se, mais tarde, o povo pecar. Contudo, Ele cancela uma profecia negativa se o povo fizer *teshuvá*.)

Não obstante, Chananyá insistiu que Yirmiyáhu provasse primeiro a veracidade de suas palavras através de algum sinal.

Yirmiyáhu respondeu: "Deixe-me então provar que *Hashem* realmente me enviou. O sinal é que você virá a falecer antes que o ano finde, pois profetizou em falso em nome do Todo Poderoso."

Chananyá faleceu na véspera de *Rosh Hashaná*, o último dia do ano. Em seus momentos finais, porém, ordenou aos filhos: "Esperem até depois de *Rosh Hashaná* para enterrar meu corpo." Esperava desencaminhar os judeus, fazendo-os acreditar que a profecia de Yirmiyáhu era falsa.

Messit / O instigador

O *messit* é aquele que influencia outros a servirem ídolos. É pior influenciar outros a adorar ídolos que servi-los por conta própria.

Moshê alertou: "Se qualquer judeu – até mesmo um parente seu muito próximo como um pai ou uma esposa – te propuser: 'Vamos deixar de lado a tradição dos nossos antepassados e servir um dos deuses dos outros povos.' Rejeite imediatamente sua idéia.

"Você poderá pensar: 'Não vou ouvi-lo e certamente não servirei a ídolos. Porém ficarei quieto, não direi a ninguém que ele tentou me influenciar a adorar ídolos.' Esta atitude é um erro. Não debes protegê-lo de nenhuma maneira."

A *Torá* decreta leis muito severas a respeito de um "instigador" ou "missionário", que tenta convencer o nosso povo a aceitar deuses estranhos.

Apesar de sermos ordenados a amar todo judeu, o *messit* não está incluído na *mitsvá* de "Amarás ao teu próximo". Ele é uma exceção.

Levar outros à idolatria é tão grave que a *Torá* não tolera este indivíduo. O pecador pode ser um parente muito querido, mesmo assim a vítima é obrigada a denunciá-lo ao *Bet Din*, que o condenará à morte.

Moshê continuou: "Nem deverás pensar: 'Não quero testemunhar contra ele. Sinto-me culpado de causar sua morte.' Isto também é um erro. É uma *mitsvá* ajudar o *Bet Din* a executar um *messit*."

Um *messit* é pior que um assassino. Um assassino tira a vida de uma pessoa apenas neste mundo, mas o *messit* prejudica a pessoa também no Mundo Vindouro.

Um *messit* pode ocultar parcialmente suas verdadeiras intenções e tentar persuadir outros com palavras gentis e amorosas. Os missionários são alguns dos atuais *messitim*. Eles conseguem convencer judeus ignorantes (e às vezes também necessitados), a abandonarem a *Torá*. Uma boa maneira de combatê-los é ajudar financeiramente organizações que resgatam judeus das mãos dos missionários.

Ir hanidachat / Uma cidade judaica que adora ídolos

Moshê continuou com o assunto de adoração de ídolos:

"Pode acontecer de a maioria dos judeus de uma cidade ser persuadida a adorar ídolos. Se os juízes do *San'hedrin* (corte suprema) ouvirem tal coisa, devem verificar a veracidade desta notícia. Se as testemunhas declararem que a maioria dos habitantes serviu a ídolos, a cidade e tudo que ela contiver deve ser destruído. Isso é chamado *ir hanidachat* – uma cidade que foi convencida a adorar ídolos.

"Todos aqueles que servem a ídolos devem ser condenados à morte pelo *Bet Din*. Aquele que não o fez pode deixar a cidade. Entretanto, quando a cidade for destruída, seus pertences devem ser destruídos também. Ninguém tem permissão de usar coisa alguma da cidade. A cidade é queimada e jamais poderá ser reconstruída."

De acordo com alguns de nossos Sábios, jamais existiu *ir nidachat* e jamais haverá uma. (Seria impossível preencher todas as condições). Mesmo assim, a *Torá* ordenou esta *mitsvá* para nos ensinar como a adoração de ídolos é grave.

Animais *casher* e não-*casher*

Em *Parashat Shemini* no livro de *Vayicrá*, aprendemos que os judeus podem ingerir animais e peixes apenas se estes tiverem dois sinais indicando que são *casher*. Moshê agora repete estas leis. Acrescentou também novas leis, e advertiu os judeus novamente a não misturarem leite e carne.

A *Torá* enumera apenas dez espécies de animais terrestres *casher* que possuem patas fendidas e ruminam (boi, ovelha, cabra, gazela, cervo, antílope, cabrito montês, camurça, bisão e girafa); e quatro animais que não são *casher* por terem apenas um desses sinais (camelo, hirace, lebre e porco). Vale salientar que não existem outras espécies que tenham só uma dessas características.

Os comentários observam que isto demonstra a origem Divina da *Torá*, pois um legislador humano jamais arriscaria ser refutado por descobertas de outros animais para ele desconhecidos, àquela época.

Rashi explica porque vários animais são proibidos aos judeus. A missão espiritual do povo judeu é unir-se a D'us, a fonte de vida espiritual. Conseqüentemente, os judeus devem abster-se de consumir quaisquer alimentos que o Intelecto Divino saiba ser um obstáculo para atingir seu sublime objetivo.

Numa parábola encontrada no *Midrash*, um médico foi visitar dois pacientes. Para o primeiro ele disse: "Você pode comer tudo o que quiser." Para o outro ele prescreveu uma dieta detalhada e rigorosa. Logo, o primeiro paciente morreu, e o segundo recuperou-se. O médico explicou que não havia esperança para o primeiro, não havendo, portanto, razão para negar-lhe alimentos dos quais gostava. Porém o segundo paciente estava basicamente saudável, por isso era importante ministrá-lhe uma dieta que recuperasse suas forças e plena saúde.

É assim com o povo de Israel. Como o povo judeu possui o potencial para a vida espiritual, D'us "prescreveu" alimentos que incrementam seu crescimento espiritual.

A importância da *cashrut*

A *Torá* enfatiza a razão da *cashrut* com termos bastante claros: ao observar estas leis, o judeu consegue elevar-se na escada da santidade.

Apesar de que o dano que os alimentos proibidos causam não é físico, todavia, impedem que o coração capte e atinja os elevados valores da alma.

O alimento não-*casher* contamina a alma de formas que exame físico algum consegue detectar, e cria um impedimento entre o judeu e sua percepção de D'us. Gradualmente, este consumo constrói uma barreira que bloqueia e impede sua compreensão da santidade.

Assim como alguém que está constantemente exposto à música alta e forte barulho, lenta e imperceptivelmente, porém com certeza, sofre perda de sua capacidade de ouvir sons delicados e de detectar modulações sutis; a *Torá* nos diz que da mesma forma, se um judeu ingere alimentos não-*casher*, ele mina e entorpece suas capacidades espirituais, e nega a si mesmo plena oportunidade de santificar-se.

Quem consome alimentos proibidos torna-se incapaz de perceber suas perdas e não entende a lógica destas proibições, assim como quem vive tomando analgésicos acha estranho que outros chorem de dor e sensações que ele não sente. Analgésicos entorpecem os nervos assim como alimentos proibidos entorpecem as antenas espirituais.

Por esse motivo, mesmo uma criança pequena deve evitar comer alimentos proibidos, para que seu potencial espiritual não seja prejudicado.

***Cashrut*: qual a razão?**

Há uma opinião entre nossos Sábios que as *mitsvot* da *cashrut* estão relacionadas com a saúde física. Estudos modernos também dizem ser a alimentação *casher* saudável em todos os sentidos. A cada dia, novas descobertas comprovam este fato.

Os legisladores afirmam que não foi apenas por motivos sanitários e de higiene que a *cashrut* foi instituída. Quando D'us criou o mundo dotou o ser humano de corpo e alma. Na Outorga da *Torá* Ele nos deu as Leis, as 613 *mitsvot*. Cada uma das *mitsvot*, por fazer bem à alma, por conseguinte faz bem ao corpo. Assim, a *cashrut* foi instituída por D'us por razões que só Ele conhece.

A seguinte história serve como analogia para ilustrar este conceito. Quando surgiu a eletricidade, um interiorano foi à cidade grande e viu a novidade: bastava apenas apertar um botão na parede e acendia-se uma lâmpada lá no teto. É fácil fazer isto, pensou. Comprou uma lâmpada e um botão idênticos aos que viu na cidade grande e os levou para sua aldeia; colocou o botão na parede e a lâmpada no teto, apertou o dia inteiro mas... não deu certo. Retornou à cidade para saber o que acontecera. Explicaram-lhe que entre o botão e a lâmpada era preciso um fio. Então comprou o fio, esticou-o entre o botão e a lâmpada e apertou, mas sem resultados. Novamente lhe explicaram que para acender a lâmpada era necessário uma equipe de engenheiros para planejar a construção de uma hidrelétrica, até chegar aos postes, às casas, aos botões e só então a lâmpada acenderia. Não é qualquer um que pode fazer uma lâmpada acender num local sem eletricidade.

D'us é o verdadeiro Engenheiro do mundo; não só dos corpos, mas também das almas. Ele sabe exatamente como cada *mitsvá* funciona, como um botãozinho que acende uma lâmpada lá em cima, nos mundos superiores, percorrendo um caminho direto entre o ser humano e D'us.

Nenhum cientista, por mais fantástico que seja, conseguirá criar sequer o menor ser com vida, pois na ligação da vida com o corpo existe somente um *Expert*: D'us. E Ele sabe o que faz bem para a alma e para o corpo. Aquele que quer mudar as leis conforme seu raciocínio, ou quem diz que, mesmo sem cuidar da *cashrut* a comida é saudável, compara-se com aquele simplório da parábola acima – são leigos tentando entender a "engenharia" das almas e dos corpos.

As leis da *cashrut*, com certeza, ajudam a saúde física da pessoa, mas não é este seu principal objetivo. Ajudam a tornar possível a ligação entre alma e corpo, nossa alma e D'us. D'us é o Engenheiro do mundo que ligou os "fios" certos para que a fonte de energia chegue até a "lâmpada", i.e., a alma, iluminando nossa vida com mais vitalidade.

Maasser rishon / O primeiro dízimo

Moshê também ordenou *Benê Yisrael* a separarem *maasser* (um décimo) dos produtos que crescem em *Êrets Yisrael*.

O *Midrash* nos ensina que um judeu que ingere alimentos dos quais não foi separado o *maasser*, é como se tivesse comido carne não-*casher*!

"Se vocês produzirem vinho, cereais, ou azeite, devem sempre separar o dízimo antes de comê-lo," lembrou Moshê aos judeus. "Se vocês derem o *maasser* aos levitas, *Hashem* os abençoará com riquezas."

Atualmente, o principal propósito de separar *maasser* de dinheiro é sustentar os estudantes de *Torá*; da mesma forma que os presentes aos *cohanim* e levitas na época do *Bet Hamicdash* possibilitava que estudassem *Torá* e servissem a *Hashem*.

Na casa de *Rabi Pinechás* a separação de *maasser* era observada tão zelosa e detalhadamente que até o seu burro recusava-se a tocar no feno do qual ainda não houvesse sido separado *maasser* (apesar de ser permitido dar aos animais alimentos dos quais ainda não se separou o dízimo).

Certa vez, hospedou-se numa estalagem, e seu burro recusava-se a comer. Censurou o estalajadeiro: "Até mesmo este pobre animal quer cumprir a vontade do Criador, e contudo você lhe oferece *tevel*, alimento do qual não separou *maasser*!"

Rabi Yochanan encontrou-se com seu sobrinho, o filho de *Resh Lakish*, um estudante fenomenal, quando o rapaz estava saindo da *yeshivá*.

"Que versículo você estudou hoje?" perguntou-lhe *Rabi Yochanan*.

"O *Rebe* ensinou-me: "Asser *Teasser* – O dízimo separarás" (*Devarim* 14:22), respondeu o rapaz. Sem tomar fôlego, o rapaz perguntou ao tio: "Por que a *Torá* usa uma expressão dupla para dízimo?"

Rabi Yochanan explicou: "Para ensinar que aquele que separa o *maasser* de sua produção não tem perdas. Pelo contrário, D'us o enriquecerá. Leia a segunda palavra como *tit'asher* – ficará rico."

"Como poderei ter certeza de que esta é a verdadeira interpretação do versículo?" indagou o menino.

"Muito simples," retrucou o tio. "Experimente fazer, e verá que tenho razão."

"Mas não é proibido cumprir *mitsvot* com a intenção de testar *Hashem*, para ver se Ele irá ou não conceder a recompensa prometida?" objetou o rapaz.

"*Maasser* é uma exceção," explicou *Rabi Yochanan*. "É permitido testar *Hashem* quando se dá *maasser*. 'Separem o *maasser* para sustentar os levitas que servem no *Bet Hamicdash*, e assim ponham-me a teste,' disse *Hashem* das Hostes, 'se Eu não lhes abrir as janelas do céu e despejar e esvaziar sobre vocês bênçãos que não se podem contar'."

Hoje em dia, um proprietário de terras em *Êrets Yisrael* também deve separar *maasser* conforme a *Halachá*.

A *mitsvá* se aplica aos judeus que moram fora de *Êrets Yisrael* da seguinte forma:

1. Turistas na Terra Santa precisam conscientizar-se de que não podem comer uma fruta ou vegetal sequer, nem beber de seu suco, a não ser que o *maasser* tenha sido separado antes por pessoa idônea.
2. Há um crescente número de frutos produzidos em Israel e exportados, entre eles laranjas, azeitonas e tâmaras. Talvez o *maasser* não tenha sido separado. Pergunte a seu lojista local ou ao responsável pela seção de frutas quais produtos são importados de *Êrets Yisrael*. Se souber exatamente como cumprir a *mitsvá*, separe o *maasser* como requer a *Halachá*; do contrário, não compre esses produtos.

Da *mitsvá* de separar *maasser* da produção agrícola é que aprendemos que é apropriado a cada judeu separar um décimo de seus ganhos para pobres e necessitados.

Maasser sheni / O segundo dízimo

Como aprendemos, um judeu tinha que separar um décimo de sua colheita. Dava-o a um levita. Após o primeiro *maasser*, cada fazendeiro tinha de separar outro décimo de sua produção. Era chamado *maasser sheni*, o segundo *maasser*. O que ele fazia com o *maasser sheni*?

O agricultor e sua família viajavam a Jerusalém com o *maasser sheni* e o comiam lá. Se fosse muito caro transportar a produção para Jerusalém, o proprietário podia trocá-la por dinheiro. Levava o dinheiro então para Jerusalém e com ele, comprava alimentos para si e sua família.

Por que *Hashem* queria que os judeus comessem *maasser sheni* em Jerusalém? A *Torá* explica: "Isso os ensinará a temer *Hashem*."

Na época do *Bet Hamicdash*, uma visita a Jerusalém era uma experiência maravilhosa. No *Bet Hamicdash*, um judeu podia sentir a presença de *Hashem* e até mesmo presenciar milagres. Podia visitar os juizes no *San'hedrin*, os grandes sábios da nação. E podia admirar os *tsadikim* que lá viviam.

Quando um judeu retornava de sua viagem de "*maasser sheni*" em Jerusalém, sentia-se tão entusiasmado que isso o ajudava a cumprir melhor as *mitsvot*.

Maasser ani / O dízimo para os pobres

No primeiro, segundo, quarto e quinto anos de cada ciclo de sete, o fazendeiro tinha que separar o *maasser sheni* e comê-lo em Jerusalém. No terceiro e sexto anos, o agricultor tirava *maasser ani* (dízimo para os pobres) ao invés do *maasser sheni*. Esta décima parte era para as pessoas necessitadas, que vinham ao seu campo reivindicá-la.

Shemitat kessafim / O cancelamento de dívidas

Moshê ensinou a *Benê Yisrael* sobre outra *mitsvá* relacionada com *chêssed* (bondade).

Aprendemos que cada sétimo ano é um ano de *shemité* (sabático) em *Êrets Yisrael*, quando o solo repousa.

Entretanto, há uma lei de *shemité* que deve ser mantida mesmo fora de *Êrets Yisrael*.

Nesta *Parashá*, a *Torá* (*Devarim* 15:2) diz: "Ao fim de cada sete anos farás o ano sabático. E este é o procedimento da *shemité*: cada credor perdoará tudo que emprestou a seu semelhante; não o exigirá dele."

Esta passagem significa que é proibido cobrar dívidas particulares durante o ano sabático. Isto se aplica tanto em Israel quanto fora de lá (porém as leis agrícolas de *shemité* aplicam-se somente à Terra Santa).

Portanto, depois que passou o ano de *shemité*, um judeu que emprestou dinheiro a outro não pode mais pedir que lhe devolva o empréstimo. Pode exigir o pagamento apenas até o último dia do ano anterior, véspera de *Rosh Hashaná*. Se *Rosh Hashaná* passar e o empréstimo não foi quitado, o pagamento não pode ser exigido. (Porém, se o devedor, espontaneamente, oferecer este valor como um presente, o credor pode aceitá-lo. Esta seria a conduta correta.)

Hashem nos deu esta lei para nos ensinar uma lição. Ele deseja que percebamos que é Ele o dono de tudo que possuímos, até o nosso dinheiro.

O que acontece se um judeu precisa pedir dinheiro emprestado ao final de um ano anterior a *shemité*? Aquele que empresta pode pensar: "Estou certo de que ele não poderá me pagar antes do início do ano de *shemité*. Poderei perder meu dinheiro." Se a pessoa que precisa de um empréstimo é pobre, terá dificuldade em achar alguém que deseje emprestar-lhe dinheiro.

Já na época do *Talmud*, muitas pessoas deixavam de emprestar dinheiro quando um ano de *shemité* se aproximava. Para resolver este problema, o ilustre erudito Hilel instituiu uma fórmula que permite reclamar o pagamento mesmo depois do sétimo ano, denominada *Peruzbul*. Consiste no credor transferir suas dívidas a uma corte rabínica antes do ano sabático. A dívida, então, deixa de ser individual, tornando-se passível de cobrança (conforme a própria lei da *Torá* estipula) durante ou após o ano de *shemité*.

Embora pessoas em particular não possam pedir o pagamento após *shemité*, o *Bet Din* sempre tem permissão de reclamar este pagamento. Assim, os necessitados conseguirão empréstimos sempre, inclusive antes de um ano de *shemité*.

Quem fez o *Peruzbul* antes de se iniciar um ano de *shemité* deve repeti-lo às vésperas do próximo *Rosh Hashaná*, por marcar o final da *shemité*. (Quem não o fez no início do ano, pode também fazê-lo no final.)

Mesmo quem não tenha empréstimos pendentes para receber, é aconselhável fazer o *Peruzbul*. Assim, demonstra respeito por uma ordem de nossos Sábios e, ao mesmo tempo, cumpre um decreto rabínico que só ocorre a cada sete anos.

Não há nenhuma exigência de especificar as dívidas; somente declarar sua transferência à corte rabínica.

O *Peruzbul* pode ser recitado perante um tribunal rabínico, na ocasião de *hatarat nedarim* (anulação das promessas) na véspera de *Rosh Hashaná*. Logo após o texto da anulação das promessas, deve-se recitar: "Entrego-lhes todos os meus créditos para que eu possa cobrá-los quando desejar." Neste caso não há necessidade de escrever ou assinar o *Peruzbul*.

Ou então, antes da véspera de *Rosh Hashaná*, deve-se enviar para um tribunal rabínico um documento assinado e datado com o seguinte texto:

"Eu, abaixo assinado, entrego aos senhores..., membros do *Bet Din* na cidade de..., todos os créditos que tenho de outrem, seja por documento ou verbalmente, a fim de que possa cobrá-los quando desejar."

O ano 5768 será um ano sabático.

A mitsvá da tzedacá (caridade)

Moshê explicou: "Se todo o povo judeu guardar as *mitsvot* de *Hashem*, não haverá pessoas pobres entre vocês. Jamais precisarão emprestar dinheiro a outro judeu, nem precisarão dar *tsedacá*."

"Porém sei que as futuras gerações não serão tão justas. Por isso, haverá alguns pobres, e vocês precisam conhecer as leis de *tsedacá*."

Moshê explicou esta *mitsvá* aos judeus que entrariam em *Êrets Yisrael*. No deserto, não houve necessidade de dar *tsedacá* porque cada judeu recebia maná para as refeições e todos tinham roupas para usar.

Fomos ordenados a distribuir caridade com mão aberta

Sobre a *mitsvá* de *tsedacá*, a *Torá* diz nesta *Parashá*: "Abra a sua mão, '*patôach tiftach et yadechá*'. Seja caloroso e generoso com seus irmãos."

A *Torá* adverte em relação ao medo natural humano de gastar com caridade ou empréstimos. Um judeu nunca pergunta se deve ajudar ou não, somente para quem e como oferecer ajuda, porque o ajudante definitivo dos pobres e ricos é o próprio D'us.

A *Torá* dirige-se a dois tipos de pessoas. Àquele que não consegue decidir se vai ou não doar, *Hashem* diz: "Não endurecerás o teu coração." E, para alguém que deseja dar mas no último instante volta para trás, *Hashem* diz: " Não fecharás tua mão."

O versículo conclui com uma aviso implícito para aquele que se mantém insensível: "O indivíduo diante de você é 'seu irmão necessitado'. Se você rejeitar sua solicitação, você é aquele que poderá acabar se tornando o 'irmão' dele na pobreza."

O homem pobre clama a *Hashem* quando suas súplicas por *tsedacá* permanecem sem resposta. *Hashem* escuta seus gritos sentidos e pune o avarento que não deu *tsedacá*.

Uma parábola

O adágio popular diz: "A carga que um camelo suporta depende de sua força." D'us espera que a pessoa doe *tsedacá* proporcionalmente à abundância com que foi abençoada.

De fato, uma pessoa é afortunada se doa *tsedacá* com generosidade. A seguinte parábola ilustra isso:

Dois carneiros estavam às margens de um rio, olhando desconfiados para as ondas espumantes. Será que conseguiriam atravessá-lo a nado, alcançando a campina verde que lhes acenava do outro lado?

Ambos mergulharam e começaram a nadar vigorosamente. Contudo, enquanto um carneirinho mantinha o ritmo, o outro logo cansou-se, conseguindo manter a cabeça fora da água com muita dificuldade. Não demorou muito e foi tragado pela forte correnteza.

Para azar desse carneiro, sua longa pelagem acabou sendo um empecilho, tornando-se uma pesada carga ao molhar-se. O outro carneiro, no entanto, estava tosquiado. Era leve, locomovia-se com facilidade, conseguindo, assim, sobreviver.

Nossos Sábios aconselham a pessoa a atravessar ao "outro lado" com pesos leves; ou seja, livrar-se do dinheiro extra, distribuindo-o para *tsedacá*. Se a pessoa, em vez disso, guardar e acumular dinheiro, por fim este o arrastará para baixo. Pois ela não utilizou sua fortuna como *Hashem* tinha em mente.

O fiador do empréstimo

Um filósofo perguntou a *Rabi Gamliel*: "Sua *Torá* lhes ordena dar *tsedacá* freqüentemente, e não ter receio de comprometer sua situação financeira. Mas esse receio não é algo natural? Como alguém pode dar dinheiro sem se preocupar se deveria ou não poupá-lo para uma hora de necessidade?"

Rabi Gamliel, então, indagou: "Se lhe pedissem um empréstimo, você concederia?"

"Depende de quem está pedindo," respondeu o filósofo. "Se o requerente for um estranho, eu teria medo de perder meu dinheiro."

"E se o requerente apresentasse fiadores?" perguntou *Rabi Gamliel*.

"Bem, se eu soubesse que são confiáveis, concordaria," replicou o filósofo.

"Deixe-me perguntar-lhe", continuou *Rabi Gamliel*, "como você se sentiria se o requerente apresentasse o chefe do governo como fiador?"

"Certamente eu lhe emprestaria o dinheiro, sob estas circunstâncias, pois estaria completamente seguro de que meu empréstimo está garantido," declarou o filósofo.

Rabi Gamliel explicou: "Quando alguém dá *tsedacá*, na verdade concede um empréstimo garantido pelo Criador do Universo. As Escrituras dizem: 'Aquele que dá ao pobre com benevolência empresta a D'us, que retribuirá tudo o que lhe é devido.' (D'us pagará ao benfeitor neste mundo, restituindo-lhe o 'empréstimo', e guarda a recompensa completa para o Mundo Vindouro.) Ninguém é tão honrado e digno de confiança como o Criador; se Ele garante que restitui o dinheiro ao doador, por que alguém deveria hesitar em dar *tsedacá*? Ninguém nunca ficou pobre por dar *tsedacá*."

De fato, a verdade é o oposto, de acordo com o versículo: "Aquele que dá *tsedacá* ao pobre, nada lhe faltará." D'us restitui o dinheiro gasto em *tsedacá*, ao passo que o dinheiro sonogado ao pobre, no fim, será perdido.

Como Hashem recompensa quem doa grandes quantias para *tsedacá*

Rabi El'azar, Rabi Yehoshua e Rabi Akiva percorriam o país a fim de coletar uma vasta soma para sustentar os estudiosos carentes de *Torá*.

Eles chegaram aos arredores de Antióquia, lar de Aba Yudan,, o famoso magnata e filantropo. Quando Aba Yudan viu os Sábios se aproximando, empalideceu de vergonha e pesar, pois havia perdido todo o seu dinheiro, e não poderia ajudá-los.

Sua esposa ficou chocada ao ver que sua aparência mudara tão drasticamente, e indagou-lhe a razão.

"Os Sábios estão visitando nosso bairro," ele respondeu, "e não tenho como fazer-lhes um donativo".

Sua esposa, que era ainda mais generosa que ele, aconselhou-o: "Venda metade do campo que nos restou, e dê o dinheiro aos Sábios." (Este era um ato de bondade não requerido pela Lei.)

Ao receberem seu presente, os Sábios o abençoaram: "Que o Todo Poderoso reponha sua perda!"

Mais tarde, enquanto Aba Yudan estava arando a parte que lhe restou do campo, a vaca caiu num buraco e quebrou a perna. Ao entrar no buraco para socorrê-la, D'us iluminou os olhos de Aba Yudan, e de repente ele avistou um tesouro enterrado naquele buraco. Cheio de júbilo, exclamou: "Minha vaca machucou-se para meu benefício!"

Da próxima vez que os Sábios visitaram aquela vizinhança, indagaram: "Como está Aba Yudan?"

Responderam-lhes: "Aba Yudan possui escravos, rebanhos de carneiros e cáfilas de camelos. Não temos palavras para descrever sua fantástica fortuna!"

Aba Yudan soube da chegada dos Sábios e foi dar-lhes as boas-vindas. "Suas preces em prol de meu sucesso foram muito benéficas," disse-lhes. "D'us não apenas repôs o dinheiro que dei a vocês, como abençoou-me com muito mais do que jamais tive!"

Eles retrucaram: "Seu sucesso se deve aos seus próprios atos de *tsedacá*. Já que você deu *tsedacá* com tanta generosidade, *Hashem* considerou-o merecedor de Suas bênçãos."

Sobre ele os Sábios citam o versículo: "Um presente generoso (para *tsedacá*) acarreta que seu sustento seja ampliado."

O poder da *tsedacá*

Tsedacá pode prolongar a vida de uma pessoa.

Três atos têm o poder de abolir os decretos dos Céus:

1. Arrependimento (*teshuvá*)
2. Dar *tsedacá*
3. Orações (*tefilá*)

Halachot* (leis) referentes a *tsedacá

- Se alguém tem parentes pobres, a prioridade é ajudá-los. A seguir, ele deve dar *tsedacá* aos seus vizinhos empobrecidos; e então aos necessitados de sua cidade. Se for preciso escolher entre dar *tsedacá* para pobres de uma outra cidade, e aos de *Érets Yisrael*, estes têm prioridade.

- A *mitsvá* de *tsedacá* abrange dinheiro ou alimentos.

- O valor mínimo a ser doado para *tsedacá* é um décimo dos rendimentos.

- Quando não tiver dinheiro consigo para contribuir, ao menos seja amável com o pobre. As bênçãos que uma pessoa recebe por confortar um necessitado são ainda maiores que aquelas recebidas por dar *tsedacá*.

- A *tsedacá* deve ser dada de maneira amigável, acompanhada de palavras encorajadoras. Aquele que doa irritado ou com raiva, mesmo que sejam altas somas, perde o mérito da *mitsvá*.

- Uma pessoa não deveria jamais sentir-se mal por dar *tsedacá*. A *mitsvá* deve ser cumprida com alegria. Aquele que dá *tsedacá* ganha mais que a pessoa que a recebe.

- Se o pobre está constrangido por receber *tsedacá*, é preciso encontrar uma maneira de poupar-lhe constrangimento. Por exemplo, pode-se dizer que o dinheiro é um empréstimo. Mais tarde, podemos informá-lo que, na realidade, não é necessário que devolva esta soma.

- A maneira mais sublime de cumprir a *mitsvá* é quando o doador não conhece quem recebe a *tsedacá*, tampouco quem recebe conhece o doador (evitando, assim, que quem recebe fique envergonhado).

- A maior *tsedacá* é evitar que um colega judeu tenha de aceitar *tsedacá*. Se alguém puder encontrar-lhe um emprego adequado, juntar-se a ele como sócio, ou emprestar-lhe dinheiro a fim de torná-lo auto-suficiente, este doador realizou a melhor e mais elevada forma de *tsedacá*.

- Ao pensar em como distribuir dinheiro particular para *tsedacá*, deve-se dar prioridade aos pobres que se esforçam no estudo de *Torá*. Assim como os *maasrot* (dízimos) sustentavam os *cohanim* e *leviyim* que faziam o serviço no *Bet Hamicdash*, também devemos separar um décimo de nossa renda para os estudantes de *Torá* em necessidades financeiras.

Um bom investimento

Rabi Tarfon, um homem muito rico, não dava *tshedacá* suficiente, proporcional à sua fortuna.

Rabi Akiva propôs-lhe a seguinte questão: "Você quer que eu invista uma parte de seu dinheiro em imóveis?"

Rabi Tarfon concordou, e deu-lhe quatrocentos dinares de ouro.

Rabi Akiva pegou o dinheiro e distribuiu-o entre os pobres.

Depois de algum tempo, quando *Rabi Tarfon* pediu-lhe para ver seus imóveis, *Rabi Akiva* conduziu-o ao *Bet Hamidrash* (casa de estudos), abriu o livro de *Tehilim*, e leu: "Aquele que distribuiu amigavelmente e deu aos pobres, sua virtude e retidão perdurarão para sempre." (*Tehilim*, 112:9) "Foi assim que investi seu dinheiro."

Rabi Tarfon beijou-o e exclamou: "Você é meu mestre e professor. É mais sábio que eu, e ensinou-me a lição da maneira correta."

Para demonstrar sua aprovação, *Rabi Tarfon* deu mais dinheiro a *Rabi Akiva*, para doar aos pobres.

De fato, *Rabi Akiva* não enganou *Rabi Tarfon* quando descreveu o ato de dar *tshedacá* como investimento em imóveis. Quando alguém dá *tshedacá* neste mundo, está investindo numa casa para sua alma no Mundo Vindouro.

Mais idéias sobre *tshedacá*

Maimônides escreve: "Nunca houve dez judeus que morassem no mesmo local e não estabelecessem um fundo de *tshedacá*."

"Nós, o povo judeu, precisamos garantir o cumprimento da *mitsvá* de *tshedacá* de maneira elevada, pois ela nos caracteriza como a virtuosa e bondosa semente de Avraham, sobre quem D'us declarou: 'Pois sei que ele ordenará aos seus filhos e descendentes a fazer *tshedacá*.'"

Quanto agradecimento e louvor uma pessoa deve ao Criador, por possibilitar-lhe estar entre os que dão *tshedacá*!

A pessoa deve perceber, contudo, que todo o dinheiro que controla, em realidade, não é seu, mas do Criador. Se D'us confiou-lhe riqueza, é para testar se dará *tshedacá* com generosidade, e com as intenções apropriadas.

Dar presentes a um servo hebreu

Moshê continuou com outra *mitsvá* de *chêssed*.

Aprendemos que se um judeu furta dinheiro e não pode pagá-lo, o *Bet Din* vende o ladrão como servo. O dinheiro da venda cobre o furto. O servo judeu deve servir ao amo por seis anos. Então ganha sua liberdade.

Moshê ensinou: "Quando seu servo judeu vai embora, você deve provê-lo com carne, pão e vinho."

Nossos Sábios estabeleceram a quantidade exata que cada um deve dar ao escravo judeu.

Hashem ordenou esta *mitsvá* como um ato de bondade ao servo judeu. Quando ele se torna livre, não possui dinheiro. Com estes presentes, tem suprimentos para iniciar uma nova vida.

As três festas de peregrinação, "*Shalosh Regalim*", quando visita-se o *Bet Hamicdash*

Depois de ter exortado os judeus a levarem seu dízimo a Jerusalém, a *Torá* agora menciona as três festas quando os judeus faziam peregrinações a Yerushaláyim.

A *Torá* repete aqui a obrigação de cada homem viajar ao *Bet Hamicdash* em *Pêssach*, *Shavuot* e *Sucot*.

"Durante estas épocas tão essenciais, compareça ao *Bet Hamicdash*, para que você saiba que *Hashem* é o Mestre Que controla as leis da natureza e sustenta o mundo. Agradeça a Ele, e obedeça Seus mandamentos."

A *Torá* promete que D'us protege as posses dos que deixam seus lares para cumprir esta *mitsvá*. *Hashem* diz: "Os judeus que abandonam seu ouro, prata e outros bens a fim de saudar a *Shechiná* estão sob Minha proteção."

Dois ricos irmãos de Ashkelon tinham invejosos vizinhos não-judeus, que planejavam roubar suas casas quando de sua próxima visita a Yerushaláyim.

Aparentemente, os irmãos descobriram o plano perverso, pois os vizinhos notaram que, naquele ano, os irmãos não viajaram para Yerushaláyim. E quão surpresos os vizinhos não ficaram então, quando os irmãos vieram e os obsequiaram com presentes.

"O que estão comemorando?" indagaram.

"Voltamos de Yerushaláyim e trouxemos estas lembranças para vocês," responderam os irmãos.

Os vizinhos ficaram boquiabertos de espanto. "De Yerushaláyim?!" exclamaram. "Mas vimos vocês entrando e saindo de casa todos os dias! Quando vocês partiram?"

"Na data tal," retrucaram os irmãos.

"Abençoado o D'us dos judeus, Que não os abandona", exclamaram os vizinhos. "Pretendíamos arrombar suas casas quando vocês se ausentassem, mas o D'us em Quem vocês crêm e confiam enviou anjos para protegê-los."

Simchat Bet Hashoevá*, a celebração da alegria em *Sucot

Para cumprir a *mitsvá* de alegrar-se em *Yom Tov*, celebrações aconteciam em todas as noites de *Sucot* no *Bet Hamicdash*, a partir da segunda noite. São chamadas de *Simchat Bet Hashoevá*. Uma orquestra de levitas ficava nos quinze degraus que se estendiam da *Azará* ao local das mulheres (em vez de ficarem no próprio antepátio, onde os levitas geralmente cantavam enquanto as oferendas líquidas eram vertidas). Tocavam diversos instrumentos musicais. Os grandes Sábios e *tsadikim* dentre o povo dançavam e faziam acrobacias enquanto todos olhavam, deleitados. Uma sacada especial era construída para as mulheres, de forma que não se misturavam. *Rabi Shim'on ben Gamliel* fazia malabarismos com oito tochas acesas, que não se tocavam. O Sábio Levi fazia o mesmo com oito facas; outro Sábio o fazia com oito garrafas cheias de vinho; e um outro com oito ovos crus.

O júbilo por amor à *mitsvá* elevava os participantes a um nível tão sublime que alguns deles eram inspirados com *rúach hacôdesh* (espírito de profecia).

Alegria em *Yom Tov* hoje em dia

Infelizmente, hoje não temos mais o *Bet Hamicdash* e não podemos cumprir a *mitsvá* de visitar o Templo nas datas festivas. Mas certamente podemos cumprir a *mitsvá* de nos alegrar em *Yom Tov*.

Como podemos cumpri-la? Oferecendo a cada membro da família algo que anime seu espírito: roupas e jóias para as mulheres, guloseimas para as crianças, e assim por diante.

No entusiasmo e azáfama que precede cada *Yom Tov*, é muito fácil esquecermos das pessoas mais necessitadas.

Moshê disse a *Benê Yisrael*: "Compartilhem sua felicidade com aqueles que têm menos. Convide-os à sua casa ou faça-lhes donativos de acordo com suas posses para que tenham o bastante em *Yom Tov*."

A *Torá* ordena que os menos afortunados sejam incluídos na alegria de *Yom Tov*: os levitas (hoje em dia, os pobres), convertidos, órfãos e viúvas.

Hashem diz: "Seu lar abrange quatro tipos de membros: seus filhos, filhas, servos e servas; e Meu lar abrange quatro: os levitas (pobres), os convertidos, os órfãos e as viúvas. Se você encorajar o espírito dos membros do Meu lar, então Eu alegrarei os teus e os Meus."

Como devemos comemorar *Yom Tov*? Comendo, bebendo e descansando, ou estudando *Torá*?

Rabi Yehoshua ensina: "Divida seu *Yom Tov*. Despenda uma parte dele em deleite físicos, e uma parte no *Bet Hamidrash* (casa de estudos)."

Todas as comunidades judaicas da Diáspora são ordenadas a observarem dois dias de *Yom Tov*, em vez de um comandado pela *Torá*. Por que a Providência fez com que fossem observados dois dias de *Yom Tov* fora de *Êrets Yisrael*?

Rabi Abahu explicou em nome de *Rabi Yochanan*: "Uma vez que o povo judeu não observou adequadamente um dia de *Yom Tov* enquanto estava em *Êrets Yisrael*, *Hashem* fez com que observassem dois dias no exílio, para expiar por seus pecados."

A observância dos dois dias de *Yom Tov*, um fenômeno do exílio, desperta em nós a o desejo de pedirmos a *Hashem* que nos faça retornar à Terra restaurada.